

# O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2\$000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

*A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.*

Anno II.

Theresina 21 de Fevereiro de 1870.

Numero 33

## O AMIGO DO POVO.

Theresina, 19 de Fevereiro de 1870.

### Uma pequena historia das mil e uma noites.

Ha mais de um seculo, existio na cidade de Basrah um obscuro mestre eschola,— que era pouco mais ou menos um modesto escriptor grego que tambem cultivava a litteratura oriental.

O pobre do mestre eschola, mudando-se em um bom dia para a cidade de Tripoli da Syria, lá conheceu certo barbeiro judeu, de nariz elephantino, o qual, por miséria da terra, tinha sido por algum tempo governader d'ella.

Não tardou que apparecesse entre os dois uma bem pronunciada rivalidade, quasi da natureza da de Gregorio de Mattos Guerra com o celebre Braço de Prata que se deu a espectaculo na cidade da Bahia.

D'ahi resultou um batalhar contínuo; tendo-se pennas por cimitarras.

O Braço de Prata de Tripoli escrevia n'um estylo agongorado, e isso fazia as delicias do antigo mestre eschola de Basrah, que analysava desapidadamente as bellezas de estylo do desgraçado barbeiro. Este, damnava-se com o *atreuimento* de « Daher Mahdi Cassem » pseudonymo árabe que desde muito tempo o escriptor grego havia adoptado para as suas composições na lingua de Agar; e então o *Sempre Sem Senso* (nome do judeu narigudo) tratava de desacreditar o seu antagonista nas letras; ora chamando-o louco,—ora dizendo que elle tinha exercido já a *ignominiosa* profissão de mestre eschola!

Para que os nossos leitores avaliem se o judeu tinha ou não razão de ter inveja do estylo de Daher, vamos dar-lhes a lêr um pequeno escripto feito por este—quando era ainda *um simples decurião*.

Eis a obrinha do moço que mais tarde teve de consumir, sem utilidade alguma, toda a seiva de seu espirito em lutas estereis contra um velho asno!

### O SORRISO DA BELLA RAINHA DOS CORAÇÕES.

Eu era um *genio* infeliz, quando não tinha ainda conhecido—O PRAZER REAL; existindo ha perto de tres mil annos, e tendo sido o mestre de Salomão!

Um dia, lembrei-me de fazer metamorphoses sem

conta; para que pudesse assim—descobrir onde existia aquelle a quem queria pedir a filha por esposa; sabendo que ella, a PERPETUA ALEGRIA, era a mais bella das fadas!

Transformei-me, então, n'um claro e bem transparente regato; procurei um leito de branca areia; serpeei por entre o matiz do prado; servi de espelho aos astros do dia e da noite: em mim tambem se revião as aves, as flores e as nuvens....

Mas tudo foi de balde!

O *simples prazer* nem se quer appareceu-me!

Transformei-me, então, nos leques da mais esbelta palmeira; á tarde, adormeci nos braços dos favonios, acalentado pelo canto dos passarinhos; á noite, tive deleitosos sonhos, ao fulgir das estrellas ou ao clarão da lua; ao romper d'alva, despertei bafejado pelas anras, ao suspirar das quaes, meneando-me, banhei a fronte com o rocio da madrugada, e por fim aderecei-me com as côres do iris, recebendo este rico presente—do sol nascente!...

Mas tudo foi de balde!

O *simples prazer* nem se quer appareceu-me!

Transformei-me, então, em borboletas de azas candidas; voando, percorri os rozões fragrantés; libei o nectar de infindas flores; doudejei pelo espaço azul; brinquei com os Zephyros; espanjei-me á luz do sol!

Mas tudo foi de balde!

O *simples prazer* nem se quer appareceu-me!

Transformei-me, então, em cardumes de sereias; n'um mar d'harmonias, tendo por tempestades os mais maviosos sons! Tambem converti-me em suavissimas emanações; formando nuvens de perfumes os mais exquisitos,—os mais embriagadores! Converti-me, outrosim, em jorros de aéreas cascatas, e em repuxos de celestes raios; erguendo bellissimos arcos triumphaes ás lindas filhas da luz,— ás sete formosas côres!

Mas, tudo foi de balde!

O *simples prazer* nem se quer appareceu-me...

Transformei-me, então, em *ave do paraíso*, a mais formosa de todo o mundo; depois, em *narciso*, a mais pura das flores; depois em *topasio* e n'outras muitas gemmas do sceptro de um rei soberbo; mais logo, em *orvalho*,—chuva de pequenos diamantes, do céu cahidos, em forma de lagrimas da amada do propheta! . . . Mais tarde, em *navio* fabricado de sândalo, tendo plenas velas de setim branco, velozes que nem azas de garça, por

sobre aljôfarâdas ondas! . . . Depois disso, transformado em louro e recendente *incenso*, fui depositado n'um riquissimo thuribulo, d'onde sahi sob a mais candida, odorifera e vaporosa forma que se possa imaginar, para immediatamente subir ao cêo . . . . Convertido em branca *nuvem*, vaguei pelo espaço por muito tempo, vestindo-me das sêdas com que se envolvem os anjos, e do ouro e púrpura com que se adorna o arrebol nas tardes mais esplendidas! . . . Por fim, ostentei com extraordinaria magnificencia as formas quasi divinas da *aurora*, a mais fulgurosa que jamais se viu nas partes do oriente!

Mas tudo, tudo . . . foi de balde!

O *simples prazer* nem se quer apparecêo-me!

Já cansado de tanto lidar, e quasi sem esperanças de poder mais alcançar o que tão ardentemente desejára; resolvi-me, em ultimo lugar, a tomar a forma, até agora indefinida, do sorriso ineffavel de uma bella agarena que por acaso encontrei no meu peregrinar de tantos seculos!

Apenas me transformei no riso della; apenas deslizei suavemente pelos rubicundos e graciosos labios d'aquella donzella, muito mais formosa que a lua cheia,—no mesmo instante encontrei o PRAZER REAL, bem como a PERPETUA ALEGRIA, nascida d'elle . . . .

Desde então, tenho me occupado em mostrar, a quantos teem olhos, as alvissimas pérolas de um mar de rosas e de doçuras, que a prodiga e mysteriosa natureza—depositou aqui . . . . nos labios encantados e purpurinos da bella « Rainha dos corações » . . . .

### ● Marcineiro.

Sob este pseudonymo, Ignace Manelles—o fôfarão sandjak de Oeiras, atirou-se raivosamente sobre o honrado tenente-coronel Jesuino Moura; cujo nome, para nós, só tem o defeito de não fazer cahir os dentes aos maldizentes que procurem mordel-o.

O inepto aristocrata, o homem preguiçoso que nasceu fadado para guarda roupa *honorario* d'algum rei de Congo,—não pôde certamente comprehender como é que se pode juntar riqueza licitamente! Cuida elle que o trabalho intelligente não serve para cousa alguma, e por isso é que acha « extraordinaria » a fortuna do tenente-coronel Jesuino Moura. Este, porém, não tendo INVEJA dos milhões e milhões do *barão Rotschild* de Oeiras, nem por isso acha que seja « extraordinaria » a sua montanha de ouro e pedras preciosas, nem se desespera sabendo que S.S. só come ou dá a comer *frangos de Paracatú*.

Para que exige que o tenente coronel Jesuino faça *inventario*?

Elle não tem a distincta honra de ser *devedor insolúvel* como os Ignace--Maneiss, Man'el-Antonis & &. e pois—não precisa de fazer inventario em vida.

Se ha alguém prejudicado com a « extraordinaria » fortuna do tenente coronel Moura—é pedir o

patrocínio do barão do Estreito e demandar, tenazmente, para haver o que for seu legitimamente. Mas, qual! Só quem é prejudicado é o *sandjak* de Oeiras. . . Na Turquia, esta casta de gente é que ajunta cabedaes *mui naturalmente*, fazendo extorsões de toda sorte,—phantasiando rapinas pelos *particulares*, sobre os quaes se atirão *com todo zelo*!

¿ Quem sabe se o sandjak não está preparando algum meio de *confiscadela* para o ERARIO; a pretexto de não ser licito a um *simples particular*—possuir mais que uma dezena de sequins?

O meio é ingenhoso, e a nobre missão de um sandjak não é outra, com effeito, se não esta: esfolar por todas as formas aos pobres *rajás*.

Si quem pega em gordura não pode deixar de ficar com as mãos untadas; o sandjak recolhendo o que deve pertencer ao *fisco* do sultão,—sempre ha de achar geito para ficar com diamantes agarrados nas pontas dos dedos.

O *marcineiro* está descoberto.

## Transcripção.

### José da Natividade Saldanha.

Damos hoje publicidade á bella e sentida saudação, que, sob o titulo de *elegia*, (.) dirigiu o nosso distinctissimo conterraneo, Dr. José da Natividade Saldanha, aos seus mais intimos amigos politicos, envolvidos, como elle, no movimento revolucionario de 1824.

Modelo de verdadeira poesia patriotica, essa notavel peça recommenda-se tanto pela forma como pelo pensamento substancial que encerra, sendo em si mesma uma das mais eloquentes amostras do brilhante ingenho d'aquelle conspicuo pernambucano, roubado tão cedo á patria, que tinha muito a esperar do seu talento e decidida vocação litteraria.

Pertenceu Saldanha a essa geração eminentemente liberal e generosa, que, a partir de 1817, e ainda de alguns annos antes, inscrevêra seu nome illustre no martyrologio do paiz. Era d'essa pleiade de mancebos entusiastas das grandes e auspiciosas idéas, lançadas ao mundo, atravéz das velhas gerações, pelo espirito regenerador de 1789; e se algum excesso acaso lhe notavam os mais exagerados d'entre os inimigos politicos, era o *ultra-liberalismo*, que em todo o caso significava uma nobre paixão, nunca, porém, um defeito sensível no homem publico.

Soldado das fileiras liberaes, Saldanha esposou a causa de 1824: pugnou pela revolução, entrou com os amigos de infancia e de principios nas grandiosas combinações d'aquelle movimento, e resignou-se, como todos, ás eventualidades da situação em que se collocava, prompto, como elles, a beber até as fêzes o calix do infortunio.

(.) Por falta de espaço deixamos de transcrever a poesia neste numero; o que faremos no seguinte.

Os horrores do supplicio, as contingencias da adversidade no exilio, as amarguras d'uma emigração para o estrangeiro, eram os quadros que então se desenhavam, após o fatal desenlace da revolução, aos olhos de todos que n'ella haviam figurado.

Spartanos pela tempera, os pernambucanos d'aquella abençoada época souberam responder com a impavidez e o heroismo ao mais desleal e barbaro de todos os governos; e hoje, e por todos os seculos que hão de vir, a historia faz plena justiça aos revolucionarios de 1824.

Bem se vê que não entra em nosso proposito commemorar aquelles feitos de assignalado valor, aquellas vivazes demonstrações de liberalismo, aquelles magnificos rasgos do mais desinteressado e sublime patriotismo. Todas essas lembranças enchem as paginas de nossos fastos historicos, sendo por si sufficientes para elevar a mais esplendida de todas as apotheeses aos extrenuos defensores d'uma tão famosa quão desventurada causa.

A memoria querida de Saldanha leva-nos mui naturalmente para aquelle periodo, em que elle tanto influiu pela posição, como secretario que era da administração d'esta provincia, e ainda mais, se é possivel, pelo seu incontestavel merecimento litterario, do qual dera sobejas provas desde os primeiros annos de sua vida academica em Coimbra.

O pernambucano, em cujo coração se ateavam tantos sentimentos patrioticos, era um insigne poeta, já conhecido na metropole, onde fizera a publicação de suas primeiras inspirações, e onde estava ainda bem viva a impressão exercida pela escola de Boccage, a que elle irrecusavelmente pertencia.

Era mister dispor de muito cabedal de ingenho para poder prender attensões então, n'aquelle cyclo litterario, em que se figurava ainda ouvir o echo harmonioso das lyras de Garção, de Diniz, de Semêdo, de Quita e de tantos outros notaveis talentos poeticos. O estro que se abalançava a abrir vôos e a divagar pela Arcadia, em meio de tanta riqueza, pouco após os triumphos de Maximiano Torres e da admiravel Alcippe, já de si mesmo indicava muito e muito promettia para engrandecer o thesoiro das lettras brasileiras, tão cuidadosamente guardado por Caldas, Claudio Manoel, Alvarenga e muitos outros afamados poetas. Saldanha pôde dentro em pouco ligar seu nome aos de todos esses operarios primorosos do saber, que já eram apontados como taes á geração contemporanea no meio mesmo de povos estrangeiros.

As suas *pyndaricas* aos heróes de 1654, aos libertadores de Pernambuco, eram bellos epecimens no genero a que se dedicára Elpino Nonacriense, e os seus excellentes sonetos bem demonstravam quanto se approximava elle do numeroso Elmano, o rei do epigramma na litteratura portugueza. Imaginação fecunda, estylo colorido, phrase elegante, apuro e delicadeza nos quadros, constituem os dotes principaes de tão distincto poeta, que mais ainda poderá fazer, se lh'o não tolhesse a serie de acontecimentos a que nos já referimos.

O que resta de Saldanha, no seu voluminho de

versos, é um cofre de joias inestimaveis, bem superiores, sem duvida alguma, a muitas *composições poeticas*, a que, em o nosso mundo litterario, se tem querido a *fortiori* emprestar o nome de *inspirações*, e impor o baptismo de *creações d'arte*.

Pena é que um ingenho de tão elevada plana se houvesse desbaratado ainda em sua florescencia! e quem o desbaratou foi o governo ferrenho e tyrannico d'aquelle tempo, que, assim como a esse nosso comprovinciano, arrastou muitos outros ao abyzmo da infelicidade.

Saldanha emigrou para a America do Norte; e lá definhou e morreu, victima da ignorancia e do despotismo, acabrunhado ao pezo das saudades da patria! Foi-se toda n'aquella onda revolucionaria, uma nobilissima geração de patriotas eximios, uma conspiciua phalange de apreciaveis e notabilissimos ingenhos.

A historia, ao menos ( que não é pouco! ), vinga a memoria d'esses, em cujo numero está Saldanha, que sempre mantiveram seu posto de honra nas fileiras da liberdade, através de todos os embarços de situações difficeis, e mau grado às tentativas reaccionarias do poder.

Essa historia de que fallamos não é, porém, a que por ahi escrevem assalariados chronistas, do *imperialismo*, historiographos vendidos ás delicias da Capua cesariana, verdadeiros pedantes de *hoje*, que pretendem offuscar as glórias de *hontem*, porque as não alcançariam jámais em sua baixa adulação de aulicos. A historia a que alludimos não é a que de proposito cala os acontecimentos de summa importancia nacional, e não tem, siquer, duas palavras de consideração e de respeito para os dois grandes movimentos revolucionarios, tão generosos, tão patrioticos, d'esta nossa heroica provincia. Referimos-nos, sim, á historia, fiel interprete do passado, ante cujo tribunal incorruptivel pôde elevar-se o merecimento, qualquer que elle seja, certo de que lhe não hão de arrebatár os loiros a que tenha direito.

Se nos sobrasse o tempo incetariamos d'aqui uma serie de considerações critico-litterarias, a proposito de Saldanha; e o mesmo fariamos com relação a outros que tambem muito merecem das lettras patrias, como Ferreira Barreto, Frei João Baptista da Purificação, Lopes Gama e Marinho. Não tomamos, comtudo, nenhum compromisso por esse lado: quanto a Saldanha temos a satisfação de pagar-lhe n'estas linhas o preito da admiração que lhe votamos. Pelo menos, não diremos do nosso illustrado patriocio, tão notavel como politico e poeta, aquelle *quasi-nada* que o auctor do *Florilegio da poesia brasileira* a proposito d'elle disse: — « Era um *pardo* de grande talento; distinguu-se em Coimbra onde estudara. Era filho de Pernambuco, e de principios ultra-republicanos. — »

Felizmente, já uma voz eloquente se levantou d'entre os nossos para commemorar a dolorosa *Odyssea* de Saldanha, e para devidamente aquilatal-o. O nosso respeitavel amigo, o Sr. commendador Antonio Joaquim de Mello, amigo e collega de trabalhos do mallogrado poeta, que tanto honrou esta nossa

provincia, disse a sua competentissima palavra sobre tão importante assumpto.

19 de Maio, de 1868.

TORRES BANDEIRA.

## A pedido.

Illm. Exm. Sr.—O cidadão Manoel Clementino da Silva Moreira, fundado no avizo do ministerio da justiça de 10 de maio de 1869, recorre para V. Exc. pelas inclusões dos Srs. Menandro de Sousa Mendes, Benjamim de Souza Mendes, e Clariscindo de Moraes Rego na lista dos aptos para jurados qualificados com os votos do promotor publico da comarca e do presidente da camara municipal, contra o voto do Dr. juiz de direito da comarca, pelos motivos que passa a expôr.

O primeiro apenas conta vinte e tres annos de idade incompletos, e o segundo vinte e um annos tão bem incompletos, ambos solteiros conforme se vê dos documentos n.ºs 1 e 2, e o terceiro é completamente idiota—sendo por isso dispensado do serviço de corpos destacados quando marchou como voluntario da patria, faltando á este de mais a renda necessaria. Estes factos são de publica notoriedade nesta cidade, e só o exaltamento politico dos mencionados promotor e presidente da camara farião com que tal individuo fosse qualificado. Não admira Exm. Sr. que o actual delegado de policia em exercicio, tenente Firmino Correia de Lemos, omittisse da lista que forneceu á junta, como fez, os nomes de muitos distinctos—cidadãos, os quaes todos tem os requisitos para serem qualificados jurados, quando incluiu nella o de pessoas a quem faltavão as necessarias qualidades, e algumas reconhecidamente idiotas e ineptas! E' que estas não devião estar a par d'aquellas. Mas causa pasmo essa autoridade declarar com o maior desplante, e incrivel sem cerimonia, que o fizera por causa das conveniencias politicas que exigião a exclusão dos liberaes, embora aptos, e a inclusão dos conservadores, ainda que inaptos!! Não são somente as pessoas indicadas que deverião ser excluidas, mas o recorrente que não quer incorrer em qualquer pecha—menos airosa, não trata dos outros. O recorrente com o documento n.º 3 mostra que seu recurso está dentro do praso e assim espera que V. Exc. lhe fará justiça mandando que sejam os tres nomes indicados illiminados da lista de jurados deste termo, pelas rasões expostas, e nestes termos.

E. R. M.

Oeiras, do Piahy, 10 de janeiro de 1870.

Manoel Clementino da Silva Moreira.

## Parte Noticiosa.

**Attenção.**—Chamamos a dos nossos leitores para a importante transcripção, que hoje fazemos,

de um escripto patriotico-litterario do eminente escriptor o Sr. Dr. Torres Bandeira.

**Licurgo de Paiva.**—Este nosso amigo seguiu para a cidade da Parnahyba, no dia 18 do corrente, a bordo do vapor « Piahy ». D'alli tencio-na transportar-se á capital do paiz.

Desejamos-lhe bôa viagem e que seja bem acolhido pelo povo fluminense.

**Mulher surrada.**—Nos Picos, segundo nos informão, deu-se ultimamente um facto identico ao de Manoel Moreira Gomes!

Um tal Sr. Antonio José de Carvalho, arvorando-se em Horacio Ribeiro Soares, surrou a uma sua aparentada e depois cortou-lhe os cabellos!

Horacio era *delegado de policia*; Antonio de Carvalho é *eleitor*,—votou no Coelhoinho,—tem direito a que a gente do « Piahy » quebre lanças por elle.

Felicamente, não temos velhos idiotas e Trombudos de Sousa—na administração da provincia.

**Menino surrado.**—Mais outro Horacio!... Raça de viboras de dois pés!! ( Pedimos vénia ao « Piahy » para empregarmos estas expressões, por sem duvida mais brandas do que o azorrague dos seus *amigos*.)

Em Oeiras, no largo do palacio velho, a 4 do corrente, o menor José Alvares foi *surrado e palmatoado* pelo SUBDELEGADO DE POLICIA Antonio de Sousa Britto, irmão do recente *deputado provincial* (?!) Benedicto de Sousa Britto.

Feliz imperio de Pedro 2º!

**Correiada.**—Um Sr. Firme *Corrêa* de Lenha, que nasceu predestinado para servir de atilho ás cousas que só prestão para ser lançadas no fogo, acaba de fazer *um feixe* de jurados na cidade de Oeiras.... e que feixe?

Nelle se encontra até uma especie de *homoeopatico Cyrillino*! Isto porem não é vergonhoso; por ser proveitoso ao partido a que diz pertencer o trãnfuga! Este estroina é de uma intolerancia selvagem: acha que em lugar de liberaes sensatos—é melhor qualificar-se idiotas como Claricandos e outros que taes.

Veirão os leitores, sob a epigraphe *A' pedido*, a *correiada* de tal Firme; *correiada* que nos provôca a dar-lhe tambem uma *lamborada* bôa, como a de chamal-o corrêa ruim, que serve muito mal para atar gravetos!

Estamos resolvidos a não poupar a quem não nos poupa: é preciso chegar-se ao mourão certos *barbatões* que fôrão creados á lei da natureza.

Quando queira, pode estumar-nos o filhinho; a quem vai dando muito bôa educação: bastava que lhe ensinasse a lambar as patas de qualquer fofo e ridiculo baronete.

Achamos que obra bem o Sr. M. C. da Silva Moreira, intentando desatar o irrisorio feixe dos gravetos.

Theresina—Impresso na typographiã da « Imprensa » 1870.